**ARTE DE AJUDAR OS CASAIS JOVENS:**

**ACOLHER - MOTIVAR - ENVOLVER**

**Premissas**

* A família é o lugar ideal para o diálogo e a permuta entre gerações. Os jovens têm uma sensibilidade nova e um espírito generoso, muitos lutam admiravelmente por um mundo mais justo e mais aberto; eles podem ajudar-nos a retomar alguns caminhos essenciais de conversão e de missão que a Igreja nos recomenda.
* Temos de reconhecer como um grande valor que se compreenda que o matrimónio é uma questão de amor: só se podem casar aqueles que se escolhem livremente e se amam (AL 217).
* Por outro lado, quero insistir que um desafio da pastoral familiar é ajudar a descobrir que o matrimónio não se pode entender como algo acabado. É preciso pôr de lado as ilusões e aceitá-lo como é: inacabado, chamado a crescer, em caminho. (AL 218)
* Talvez a maior missão dum homem e duma mulher no amor seja esta: a de se tornarem, um ao outro, mais homem e mais mulher. Fazer crescer é ajudar o outro a moldar-se na sua própria identidade. Por isso o amor é artesanal. (AL 221)
* A palavra chave é “acompanhar”. O Papa Francisco insiste na necessidade de praticar “a arte do acompanhamento” nos caminhos de aperfeiçoamento. Arte que implica discernimento, acolhimento, escuta, compaixão, cuidado, paciência, reciprocidade...
* Acompanhar especialmente os momentos de grande fragilidade: o caminho até ao compromisso firme e durável; os primeiros anos de vida em casal; as etapas de crise e de dificuldades; as situações complexas causadas por ruturas, abandonos e incompreensões.
* O acompanhamento deve ser uma proposta para os recém-casados. Os primeiros anos de matrimónio são momentos de grande importância. É também uma das grandes preocupações de qualquer pastoral familiar. Pode-se constar que nos primeiros sete anos de matrimónio verificam-se 60% das separações. Se não se acompanha pastoralmente nestes momentos será sempre difícil evitar graves consequências: famílias separadas e feridas, porque muitas vezes não foram acompanhadas no momento certo. Isto evidencia uma quase total ausência de atenção da nossa pastoral às famílias nestes anos tão importantes.

1. **O que significa “ajudar”**

A arte de ajudar os outros: *“ajudar é o ato de promover numa pessoa uma mudança construtiva no comportamento, de modo a aumentar a dimensão afetiva da vida individual e a tornar possível um maior grau de controlo pessoal nas atividades que a pessoa deverá desenvolver”*.

Uma preocupação constante: cada pessoa deve ter a possibilidade de crescer e de atualizar todas as próprias capacidades e potencialidades, e a cada um se deve oferecer a oportunidade de se tornar cada vez mais ele mesmo. O crescimento total de cada pessoa é a meta que é perseguida com qualquer meio e a qualquer preço.

O processo de crescimento: vários *princípios.*

* Antes de mais, é necessário que a pessoa tome cada vez **mais clara *consciência****,* seja das capacidades, seja das carências de que pode estar afetada. De tal modo consegue-se compreender também as necessidades de fundo que se tornam fatores dinâmicos para a realização de si.
* **Os *valores.***É em relação a estes que a pessoa deveria avaliar toda a realidade existencial: nos valores deveria inspirar a diretiva de fundo da própria vida.
* ***Exigir* de nós mesmos e dos outros tudo aquilo que podemos fazer**, procurando aumentar gradualmente tal exigência.
* **Crescimento harmonioso da pessoa r**equer que seja promovido contemporaneamente o *desenvolvimento de todas as dimensões*.
* **A mudança é obra da pessoa**. Nisto se nota a confiança nas capacidades ínsitas na pessoa, e na capacidade que cada um tem de promover em si um processo de transformação e de melhoramento.

Esquema de ajuda

1. **-** o “PA” *(prestar atenção)* estimula na pessoa um ‘I” *(interesse)* e um envolvimento no processo construtivo;
2. **-** o “R” *(responder)* do animador faz despoletar na pessoa o processo de “E” *(auto-exploração),* para chegar a esclarecer em que ponto ele se encontra em relação a si mesmo, ao próprio mundo, à pessoas significativa, às situações por resolver;
3. **-** o “P” *(personalizar)* promover na pessoa a “C” *(auto-compreensão),* em força da qual este compreenderá cada vez mais claramente a que ponto ele se encontra naquele momento em relação à meta que ele mesmo se propõe;
4. **-** com “I” *(iniciar)* estimular diretamente a pessoa à ‘A” *(ação)* para iniciar o processo de recuperação, que deveria levar a mesma pessoa da situação em que se encontra no presente, até às metas que os dois vão gradualmente esclarecendo e amadurecendo com unidade de intenções.

2. Do Eu ao Nós – Dinâmicas de interação

**A formação do casal**

**Um e um são três**. A metáfora da complexidade e paradoxalidade do casal pode enquadrar outros dois aspetos : um e um são três, quando nos referimos ao papel da sociedade na escolha do par e na evolução da sua relação; quando apontamos para a importância da mudança do estatuto do homem e da mulher; quando falamos das expectativas criadas e, de algum modo, importas sobre o que deve ser a relação homem-mulher e, particularmente o casal.

A formação de um casal implica alguma perda em individualidade e um ganho em sentimento de pertença e complementaridade.

Esta transição do individuo para o casal faz-se através da negociação e do estabelecimento de normas, de modo mais ou menos formal, mais ou menos consciente, a fim de se definir uma estrutura base de interações conjugais que integre e articule as normas herdadas de cada família de origem e as expectativas e valores de cada um dos indivíduos.

Ciclo Vital conjugal

1. Estádio de fusão que pode manter-se durante a primeira dezena de anos. A tarefa consiste na fusão de dois indivíduos num só sistema. É o estádio do estabelecimento do **nós**. Há uma intimidade crescente, mas também ambivalente. A comunicação mais difícil. Período conflitual e de incertezas. Por volta dos sete anos de casamento entra-se na etapa da fusão definitiva, definindo o território em zonas de simetria e complementaridade, resolvendo as questões de poder, definindo os modos de resolução dos conflitos
2. Estádio das grandes decisões. Retorno ao tu e ao eu - individualidade e autonomia. Crise dos quarenta. Quatro hipóteses de saída: o casamento termina na anulação das personalidades; recuo para a individuação; mantém-se centrado nos filhos; renovação relacional.
3. Etapa da empatia: novas mudanças: reforma, netos, orfandade, a ameaça de separação inevitável, morte

Conclusão: o casal ao longo de todo o tempo de vida está em formação. É um processo nunca concluído.

**2.1. A pessoa como um ser de relação: a identidade**

**Auto - conhecimento, necessidades e dinâmicas automáticas**

É sobretudo graças às pessoas que nós nos tornámos no que somos hoje. E é através das nossas relações com os outros que nos tornámos amanhã aquilo que seremos no futuro.

O Casal enquanto relação interpessoal, podemos interrogar-nos em que medida a relação proporciona às pessoas implicadas, oportunidades de interação adequadas à satisfação das necessidades interpessoais: **necessidade de inclusão** (despertar interesse em outrem, interessar-se por outrem), **necessidade de controlo** (influenciar, ser influenciado), **necessidade de afeição** (ser amado, amar).

* O auto-conhecimento e auto-estima
* dinâmicas de crescimento:

**Necessidades**  A característica das necessidades é tenderem consciente ou inconscientemente para a satisfação. A satisfação é acompanhada por emoções, afetos ou sentimentos agradáveis e a insatisfação por experiências desagradáveis, atitudes e comportamentos que denotam frus­tração.

**Valores** - Conceito central para avaliar o crescimento. Por valores entendem-se, no conceito operacional de Rokeach, *crenças ou convic­ções duradoiras de que alguns comportamentos (valores instrumentais ou meios) e algumas finalidades da vida são preferíveis aos seus con­trários.* (“The Natura of Human Values”, 1973).

**Atitudes** - *São estados mentais ou nervosos de predisposições a pensar, sentir e agir de forma favorável ou desfavorável em relação a pessoas e “coisas”.*

**TENSÕES E HARMONIA:** Para compreender em que consiste a integração ou consistência entre necessidades-valores e atitudes-comportamentos, e as tensões ou inconsistências que podem surgir, temos que introduzir os seguintes conceitos:

1. Eu Actual-Manifesto (E.A.M.)
2. Eu Actual-Desconhecido (E.A.D.)
3. Eu Ideal-Situado (E.I.S.)

**Os primeiros anos de matrimónio: sonho à REALIDADE**

Os primeiros anos de vida conjugal trazem, além de grandes alegrias, algumas dificuldades. Os sonhos próprios de quem se casa vão descendo à vida concreta e é necessário estar preparado para assumir a verdade de que “a realidade é superior à ideia”. É, por isso, necessário acompanhar os casais nesta descida à vida real e ajudá-los a “pôr de lado as ilusões e aceitar o casamento como é: inacabado, chamado a crescer, a caminho”. Longe de ser uma desilusão, este facto permite aos esposos tornarem-se “protagonistas, senhores da sua própria história e criadores de um projeto que deve ser levado para a frente conjuntamente” (AL 218).

**Dinâmicas automáticas: A pessoa autêntica em relação**

A comunicação interpessoal depende da capacidade psíquica dos partners de entrar em contacto com as próprias experiências. Quanto mais as pessoas têm a capacidade de simbolizar (trazer à consciência) as próprias experiências mais condições terá para se introduzir autenticamente nas relações recíprocas e maior capacidade de controlo (descriminar e concordar as expectativas mútuas, exprimir mensagens diretas...).

Para alem da competência relativa à tomada de contacto e controlo das próprias experiências, é importante que a pessoa seja sensível e possa individuar os comportamentos automáticos dos outros nos quais pode ser objeto de projeção. Esta sensibilidade pode aumentar através do conhecimento de algumas formas típicas de *transfert.*

**2.2. Viver a comunhão:** A relação

**1. Valores**

**2. Variáveis da personalidade**

**3. Atitudes comunicativas e relação de partnership**

**Dimensão E.** Do ponto de vista fenomenológico diz respeito ao encontro afetivo entre as pessoas, no qual experimentam essencialmente o tipo de perceção e de avaliação mútuo. Este processo conta com algumas qualidades:

1. **Aceitação incondicionada**, ou seja, a capacidade das pessoas se relacionarem considerando-se pessoas dignas de respeito e de valor, independente das suas características físicas e psíquicas, da sua proveniência social e do tipo de comportamento que manifestam. Isto é fundamental pois para além de evitar sentimentos de inferioridade, insegurança e incapacidade, sentem-se encorajados a aceitar-se como se percecionam.
2. **Compreensão**. Comportamento esse quando se empenha a perceber o mundo dos outros como esses o vêem e experimentam sem juízos nem confrontos com as normas ou standards. Se tal não acontece comunica-se de um modo defensivo.
3. **Encorajamento**. Saber reconhecer o empenho dos outros e manifestar-lhes confiança.

**Dimensão C** - Enquanto na dimensão E, estão compreendidos os traços que manifestam consideração de valor, proximidade e calor que o professor tem com os alunos, na dimensão C estão compreendidos os comportamentos de autoridade do professor que estabelecem os limites (confins) da competência na interação.

**Comunicação: principal fator humano na relação**

Numerosos estudos referem que os casais felizes se distinguem dos infelizes pelo modo como vivem a sua relação em áreas cruciais. Eis algumas: relacionamento ao nível sexual, atividades de lazer, relação com a família e amigos, situação financeira e gestão das economias, modos de viver a fé. Mas, na prática, há um fator base que pode tornar uma relação feliz ou infeliz: a comunicação ou a falta dela.

Frequentemente, os esposos assumem que se conhecem perfeitamente e a comunicação vai diminuindo. Enquanto namoram, a conversa flui em torno ao mútuo conhecimento. Mas, depois de casados, e à medida que o tempo avança, as conversas correm o perigo de se tornarem meramente funcionais, para resolver questões do quotidiano. Esta tendência aumenta quando surgem os filhos, que se tornam o centro da vida familiar, e escasseia o tempo para a partilha em casal. Os dias gastam-se entre emprego, cuidado dos filhos e gestão de cansaços. Não se fazem perguntas, não se partilham sentimentos, não há interesse real pelo dia do outro nem disponibilidade interior e capacidade para o escutar.

Comunicação e intimidade estão fortemente interligadas. E há casais com dificuldades na sua relação, porque não conseguem comunicar. Sem diálogo, sorrisos, expressões de carinho ou contacto físico, não há troca de sentimentos, não se transmite ao cônjuge o que realmente se deseja, não se discutem assuntos nem se resolvem problemas e surgem comentários a rebaixar o outro.

**Há que distinguir três tipos de comunicação:**

* passiva, que se caracteriza pela dificuldade de expor ideias e pensamentos, mas especialmente sentimentos, emoções e desejos. Pode provir de insegurança ou baixa autoestima e é tipicamente usada por quem evita magoar o outro ou ser criticado.
* agressiva, com expressões ressentidas ou acusatórias (ou silêncios e amuos prolongados e ostensivos), concentração nas características negativas do outro e não na situação ou assunto sobre o qual se tenta comunicar;
* assertiva, com as pessoas a expressarem-se de forma livre, não defensiva nem ofensiva, mas direta e claramente, de forma positiva e no respeito pelos momentos de uso da palavra e de escuta do outro.

Por vezes, encontrar o modo justo de comunicar pode demorar anos. Mas desistir não é opção. É frequente haver casais que vão deixando de se falar para evitar conflitos ou, por tentativas falhadas, de comunicar bem sobre determinadas situações, desacordos ou assuntos que causam polémica na vida familiar. É por isso essencial que os casais, desde o início da vida em conjunto, se vão habituando a pedir ajuda a casais mais experientes ou mesmo a profissionais. E é importante que as comunidades ofereçam cursos, ações de formação e acompanhamento pessoal nesta matéria.

Na relação, há que criar, desde cedo, espaço para cada um exprimir o que pensa e sente e para escutar atentamente o outro. Investir numa comunicação clara, íntima e atenta é uma base sólida e robusta para sustentar eficazmente a relação. Evita vitimizações, mal-entendidos, assuntos tabus, silêncios impostos ou conversas proibidas. É verdade que, mesmo assim, haverá conflitos. Mas será mais fácil superá-los, se ambos se habituaram a comunicar bem um com o outro.

**Comunicação aberta**.

A comunicação representativa ou aberta contém as experiências dos sujeitos que revelam como experimentam o seu mundo num determinado momento, experiências que não pretendem que sejam universalmente válidas e representativas.

A comunicação interpessoal torna-se mais autêntica e reciproca quando o emissor é informado pelo recetor pelos efeitos da sua comunicação. Chama-se a este comportamento feedback. Alguns princípios que ajudam o sujeito a dar e a receber feedback num modo adequado:

Para que exista verdadeiramente confronto como uma competência interpessoal é indispensável que assente numa relação caracterizada pelo respeito, calor e compreensão.

**Auto-exposição** - entendida como a revelação de uma experiência pessoal delicada que possa servir de ajuda ao interlocutor, nomeadamente por semelhança de uma experiência difícil que este esteja a sofrer.

**Especificidade** - capacidades de tornar a conversa concreta, de pedir esclarecimentos até compreender bem o interlocutor em vez de deixar a conversa pairar em generalidades.

**Imediaticidade** - “capacidade de uma pessoa se debruçar sobre a relação imediata entre ela e o interlocutor.”

**2.3. A Família: palco de conflitos**

Esta definição não tem nada a ver com a fábula: “e viveram felizes e contentes”. Aliás não se pode aplicar a nenhum grupo. O grupo é sempre uma realidade conflitual: a diversidade de opiniões, os diversos graus de maturidade vocacional e psicológica, as experiências passadas, a educação diferenciada contribuem sempre para o conflito.

Além dos pequenos problemas, é conflitual porque o problema de fundo é: a união e a diferenciação. Como ser pessoas individuais sem ser individualistas? Como fazer passar de uma situação de completa dependência (da mãe ou do mundo externo) para uma situação de autonomia e interiorização?

**Dois pré-requisitos:** Sentido de pertença e sentido de individuação

Nas famílias não são os conflitos e as tensões que fazem o problema, mas o modo de enfrentá-los. É possível fazer dos conflitos ocasiões importantes de crescimento e conversão, seja pessoal ou familiar, se são confrontados e bem geridos.

**Na raiz dos conflitos**:

1. **Saber discutir – três conclusões:**
2. Não tem sentido recear as discussões e contrastes. O medo é uma reação insensata – as comunidades cor rosa nunca existirão
3. A renúncia ao confronto e diálogo resolve alguns problemas, mas é uma atitude que não deve ser cultivada e adotada. O silêncio pode levar a dois graves inconvenientes: a) quem cala e consente tem limites e a longo prazo pode ter reações improvisas e criar graves situações insanáveis; b) compromete sempre mais o diálogo: renunciar à comunicação significa não só deixar os problemas presentes por resolver, mas também comprometer no futuro a compreensão e o entendimento.
4. A solução de um conflito pela via da discussão é a mais correta e a mais produtiva.
5. **Modo de perceber os outros**
6. Conheço o outro pelos meus esquemas cognitivos.
7. Estes esquemas cognitivos devem ser abertos-flexíveis e não fechados-rígidos. Tenho uma perceção realista do outro quando estou disposto a rever os meus esquemas sobre ele à luz de novas informações que ele me dá.
8. As minhas distorções acerca da personalidade do outro, provocam-no e leva-o a agir de modo a confirmar as minhas distorções, de modo que o seu comportamento não é a expressão da sua verdadeira personalidade, mas o resultado das minhas distorções.
9. A mudança do meu esquema cognitivo sobre o outro pode estimular a sua mudança.

**Os mitos da família**

Muitas vezes mitos inconscientes, não expressos, que agem mais ou menos intensamente como travão ao crescimento comum.

* 1. E viveram felizes e contentes
  2. Existem divergências, quer dizer que nos odiamos
  3. Irmãos siameses
  4. Alguma coisa está mal, devemos ver de quem é a culpa
  5. Foi sempre assim e será sempre assim
  6. Quando se discute vença o melhor
  7. O outro deve intuir
  8. É melhor recordar os aspetos negativos que os positivos
  9. É questão de sorte. Uma boa família acontece por acaso e não exige nenhum trabalho da parte dos membros.
  10. Criar o outro à minha imagem e semelhança
  11. A família não muda
  12. Se na família há problemas, fazer uma nova experiência – separação.

**Superação de conflitos**

Mais do que os problemas em si mesmos, o modo como lidamos com eles pode ser o verdadeiro problema. O conflito é inevitável nas relações humanas. E quanto mais próxima é a relação, maior a probabilidade de conflito, por serem mais frequentes as ocasiões para se revelarem e acentuarem as diferenças de cada um. O conflito em si não compromete inevitavelmente o amor. Quando bem vivido e superado, pode até contribuir para uma maior proximidade e intimidade no casal. Para isso é importante que, nos primeiros anos, se proporcionem aos casais ferramentas concretas de superação de conflitos. Caso contrário, a vida em casal pode perder vitalidade.

Os conflitos são feridas psicológicas que afetam a vida do casal, tal como as feridas do corpo que, se forem superficiais, podem sarar com o passar do tempo. Se forem profundas, requerem cuidados especiais para que possam cicatrizar de dentro para fora. E um conflito não resolvido será como uma ferida mal curada, que sangra quando se lhe toca. Tempo e paciência são dois elementos necessários, mas não suficientes, porque a cicatrização exige cuidados apropriados.

A solução dos conflitos é essencial para a estabilidade do matrimónio. Alcança-se pela razão e não pela emoção. Por isso, importa que passe o tempo suficiente para que, baixando a tensão inicial, a razão se possa sobrepor à emoção. A partir daí, exige-se de ambas as partes coragem para reiniciar a comunicação, humildade para reconhecer a culpa, perdão para desculpar a ofensa, amor para acolher o outro. A comunicação interpessoal é o ingrediente indispensável para resolver os conflitos.

**Por isso, se os cônjuges sozinhos não conseguem restabelecê-la, peça-se a ajuda de um casal experiente ou de uma pessoa devidamente preparada.**

**Resolução: premissas**

1. Evitar as mensagens tu e limitar-se a enviar mensagens eu. Assim limito-me a declarar a minha responsabilidade; informo-o do efeito que produziu em a sua conduta e não classifico a outra pessoa.
2. Na busca de soluções não deve há vencedor nem vencido
3. Oferecer soluções: não impor nem aberta nem de forma simulada.
4. Situar-se numa atitude de escuta ativa: conteúdo e sentimentos
5. Comunicar ao outro que compreendemos e aceitamos os seus sentimentos.
6. Definir e delimitar o conflito: origem, pessoas implicadas, história, necessidades em jogo.
7. Sugerir soluções.
8. Examinar objetivamente as soluções sugeridas.
9. Selecionar a solução ou soluções preferidas – realistas e práticos
10. Planificar a execução da solução aceite
11. Colocar em prática a solução ou soluções eleitas
12. Avaliar – se o conflito foi solucionado convenientemente podemos esquecer a avaliação, e ficamos privados da acumulação de uma experiência para o futuro.

Conclusão: algumas propostas:

* Uma pastoral familiar deve ser fundamentalmente missionária, em saída, por aproximação, em vez de se reduzir a ser uma fábrica de cursos a que poucos assistem.
* Talvez a Pastoral Familiar não deva ser *“uma agenda de iniciativas e programações pastorais*”, “*para as famílias*”, mas a criação de um clima familiar, na vida das comunidades, em que as famílias se geram e regeneram na fé, em que crescem e frutificam no amor, num processo de geração de vida nova, em que elas mesmas se sentem protagonistas da solicitude da Igreja, por todos, e por cada um, desde o nascimento à morte (cf. J. J. Pérez-Soba).
* As paróquias, os movimentos e outras instituições da Igreja e casais mais amadurecidos são chamados a apoiar os casais cristãos, especialmente quando surgem crises. Através do seu testemunho experiente e, quando necessário, de ajudas especializadas é possível recordar que o casamento é uma tarefa a dois que implica ultrapassar obstáculos, e que uma crise pode ser uma oportunidade para recomeçar e renovar a mútua entrega e fidelidade.
* É necessária uma ajuda que continue depois da celebração do sacramento (AL 223).
* Na aproximação de casais que vivem juntos já há vários anos, inclusivamente com filhos, desta preparação imediata, seria um erro considera-la como catequese básica. Tem de ser repensada. Devem ser utilizados todos os meios para que a proximidade da Igreja às famílias seja patente. É importante que conheçam todos os meios que a Igreja proporciona na ajuda às crises matrimoniais.
* Acontecimentos onde estão presente os familiares casamentos, batizados, 1º comunhão funerais
* Acolhimento para o batismo estejam presentes casais que partilhem da importância deste momento de família
* 2 de fevereiro – festa da apresentação do Senhor no templo – apresentação de todas as crianças da paróquia batizadas nesse ano, seguido de encontros festivos ou formativos
* Catequese para a 1ª comunhão – aproximação aos pais- catequese familiar
* Realização de encontros familiares. Ex. bênção de casas
* Associativismo familiar de vizinhança
* Jornadas paroquias da família
* Expressões de religiosidade popular
* Novo modelo de paróquia, amiga da família
* Aliança entre a família e a comunidade
* Acompanhar é fazer com as famílias um caminho em que possam reconhecer uma luz diferente, capaz de construir uma vida
* Pastoral familiar – uma pastoral com ritmo catecumenal
* Envolver as pessoas num processo onde toda a comunidade eclesial possa ser implicada, tal como útero materno da Igreja que gera os seus filhos na vida cristã
* O acolhimento será o primeiro momento do processo de acompanhar
* O amor verdadeiro é o fio condutor de todo o acompanhamento - força motivadora
  + Educar o desejo
* A família o primeiro lugar do acompanhamento
* Proporcionar a formação a famílias e a formação de um grupo de pastoral familiar em cada paróquia, associação ou escola (AL 229)
* Preparação para o matrimónio – Nova catequese e nova pastoral juvenil
* Seja tudo como uma pedagogia do amor que não pode ignorar a sensibilidade atual dos jovens, para conseguir mobilizá-los (AL 221)
* No caminho de amadurecimento do amor mútuo e da liberdade, deve cada paróquia, movimento ou associação de fiéis socorrer-se de todos os meios humanos possíveis e pensar em atividades que possam e devam ser levadas a cabo para apoiar e reavivar as famílias. O Papa Francisco propõe diversos exemplos: reuniões de casais, retiros, conferências de especialistas sobre problemáticas da vida conjugal e familiar, agentes pastorais preparados para falar com os casais acerca das suas dificuldades e aspirações, consultas sobre situações familiares desfavoráveis (dependências, infidelidade, violência familiar), espaços de espiritualidade, escolas de formação para pais, etc. (cf. AL 229). Sabemos que não é possível fazer tudo em todos os lugares. Mas é possível organizar-se para que a oferta de instrumentos de pastoral familiar seja mais efetiva e eficaz.
* Este acompanhamento, rico de “proximidade e testemunho” (AL 208), pode ser concretizado através da constituição de grupos de jovens, de grupos de namorados e noivos, de palestras e de momentos de diálogo pessoal e da dinamização de específicos momentos da pastoral, tais como, por exemplo, o dia dos namorados (Cf. AL 208). Propõe-se ainda um envolvimento de casais na catequese de todas as faixas etárias, quer em reuniões com os pais quer em encontros testemunhais com os jovens, em especial na sua preparação para a Confirmação.

Concluindo: Esta é a arte de ajudar: capacidade para acolher os casais em todas as situações; a proximidade de casais com experiência como estimulo e força motivadora; e uma comunidade-família capaz de envolver cada casal e torna-lo agente de pastoral familiar.